



## O DIALETO CAIPIRA: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA NOVELA PANTANAL

### THE REDNECK DIALECT: A SOCIOLINGUISTIC ANALYSIS OF THE PANTANAL NOVEL

Mayara Xavier Vito Pezarino (UENF)

Lorrane Estacio do Prado da Silva (UENF)

Ester Portugal da Silva Rocha (UENF)

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

**Resumo** – A língua portuguesa se constitui por uma rica diversidade linguística, onde os usos linguísticos vão se adequando de acordo com o contexto em que o falante está inserido. Ainda assim, algumas variantes linguísticas são desvalorizadas, principalmente aquelas que não dialogam com a norma padrão da língua, refutando, assim, as pesquisas sociolinguísticas. Diante desse cenário, este estudo apresenta como objetivo promover uma reflexão sobre os fenômenos linguísticos que envolvem o dialeto caipira por meio de falas das personagens da novela Pantanal, visto que, muitas vezes, essa variante é considerada inadequada. Como objetivos específicos, pretende-se: discorrer sobre o preconceito às variações linguísticas por meio de um viés sociolinguístico; falar acerca do regionalismo presente no dialeto caipira e, por fim, mostrar a variação linguística presente

na fala das personagens da novela Pantanal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, tendo fundamentação teórica em Labov (2008), que aborda os estudos acerca dos padrões sociolinguísticos; Bagno (2007), o qual traz trabalhos sobre a pedagogia da variação linguística; Bortoni-Ricardo (2004), que apresenta concepções em torno da educação sociolinguística, entre outros. Como resultados, constatou-se que os falantes da zona rural, especificamente aqueles que residem no Pantanal, apresentam dificuldade de escolarização, uma vez que eles não têm acesso à norma padrão da língua. Essa situação torna-se nítida devido a diversos fatores, como a falta de concordância nominal, concordância verbal e a redução de vocábulos presentes nas falas dos pantaneiros. No entanto, mesmo com o vocabulário reduzido, não há alterações no sentido das falas das personagens pantaneiras. Desse modo, conclui-se que as variantes apresentadas caracterizam as variações diatópica e diastrática, como também revelam a identidade dos falantes, evidenciando, portanto, a diversidade linguística existente na sociedade. Destaca-se, então, a necessidade de valorização da pluralidade linguística e cultural, uma vez que estas representam as vivências singulares de cada região brasileira.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Dialeto Caipira. Pantanal.

**Abstract** – The portuguese language is constituted by a rich linguistic diversity, where the linguistic uses are adapted according to the context in which the speaker is inserted. Even so, some linguistic variants are devalued, especially those that do not dialogue with the standard norm of the language, thus refuting sociolinguistic research. Given this scenario, this study aims to promote a reflection on the linguistic phenomena that involve the caipira dialect through the speeches of the characters of the soap opera Pantanal, since this variant is often considered inadequate. As specific objectives, we intend to: discuss prejudice against linguistic variations through a sociolinguistic bias; talk about the regionalism present in the caipira dialect and, finally, show the linguistic variation present in the speech of the characters of the novel Pantanal. This is a qualitative research, of a bibliographic nature, with theoretical foundations in Labov (2008), which addresses studies on sociolinguistic patterns; Bagno (2007), which brings works on the pedagogy of linguistic variation; Bortoni-Ricardo (2004), who presents concepts around sociolinguistic education, among others. As a result, it was found that rural speakers, specifically those who live in the Pantanal, have difficulty in schooling, since they do not have access to the standard language standard. This situation becomes clear due to several factors, such as the lack of nominal agreement, verbal agreement and the reduction of words present in the speeches of the Pantanal people. However, even with the reduced vocabulary, there are no changes in the meaning of the speeches of the Pantanal characters. Thus, it is concluded that the variants presented characterize the diatopic and diastratic variations, as well as reveal the identity of the speakers, evidencing, therefore, the linguistic diversity existing in society. Therefore, the need to value linguistic and cultural plurality

is highlighted, since these represent the unique experiences of each Brazilian region.

**Key words:** Linguistic Variation. Redneck Dialect. Pantanal.

## Introdução

A língua portuguesa se caracteriza por uma rica diversidade linguística, a qual é composta por sistemas linguísticos que se adequam às necessidades de uso dos falantes, considerando alguns fatores, como onde se fala e para quem se fala. Por mais que exista essa pluralidade na língua, determinadas variantes linguísticas ainda não são valorizadas, principalmente aquelas que caracterizam o falante da zona rural, ou seja, elas são consideradas inferiores em relação às demais. Esse tipo de avaliação linguística não condiz com as pesquisas sociolinguísticas, visto que ele desvaloriza os traços linguísticos que cada falante possui. Diante desse cenário, o presente estudo visa a investigação do modo de falar caipira, variante que geralmente é tachada de errada, sem contar que costumam afirmar que seus falantes não possuem cultura, simplesmente por não falarem de acordo com a norma padrão da língua.

Infere-se que as variações linguísticas são fenômenos ocasionados pelos fatores sociais, estilísticos e avaliativos. Sendo assim, o presente trabalho, por meio das falas das personagens da novela Pantanal, transmitida pela rede Globo, buscou analisar o dialeto caipira. Essa variedade linguística se designa como um fruto da construção regional, o qual permite revelar a identidade linguística do falante que, neste caso, reside na região Centro-Oeste, onde o Pantanal fica localizado.

Esse dialeto evidencia a variação diatópica, exemplificado pelas manifestações linguísticas apresentadas na novela Pantanal. Visualiza-se, portanto, que o Brasil é formado por uma pluralidade linguística e cultural, as quais simbolizam as particularidades da vivência dos falantes de cada região brasileira.

Para isso, metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, tendo fundamentação teórica em Labov (2008), pelos estudos acerca dos padrões sociolinguísticos; Bagno (2007), o qual traz trabalhos sobre a pedagogia da variação linguística; Bortoni-Ricardo (2004), que apresenta concepções em torno

da educação sociolinguística, entre outros.

Quanto à sua estrutura, este artigo está dividido em três partes: a primeira discorre sobre o preconceito às variações linguísticas por meio de um viés sociolinguístico; a segunda fala acerca do regionalismo presente no dialeto caipira e, por fim, a terceira mostra a variação linguística presente na fala das personagens da novela Pantanal, destacando os fenômenos linguísticos e as expressões utilizadas por esses falantes.

## **1. Sociolinguística: preconceito às variações**

A Linguística tem se ampliado diante dos seus estudos e, conseqüentemente, o ramo da Sociolinguística se desempenha em discutir acerca da língua em uso nas situações reais do contexto social dos falantes. A linguagem é considerada macro, sendo um meio de comunicação com diversos significados na perspectiva linguística. Dessa maneira, a língua é um fenômeno que faz parte do processo da linguagem na diligência do mecanismo da fala, logo, viver em sociedade faz parte de todo o desenvolvimento da língua.

O estudo da Sociolinguística, que visa a contemplação das variações linguísticas, torna-se necessário para melhor compreensão dos fenômenos da língua, visto que a realidade brasileira é multifacetada e se apresenta nas diversas expressões socioculturais, refletindo na produtividade e reflexão dos indivíduos, portanto, deve-se “utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam” (BRASIL, 1998, p. 33). Sendo assim, é indispensável que os usuários de uma língua conheçam e se atentem à realidade plural que ocupa as pesquisas sociolinguísticas.

Para entender a Sociolinguística e os conceitos de variação os quais implicam seu valor, não basta apenas comentar sobre, é fundamental valorizá-los em consonância com a língua, já que as variações linguísticas são geradas em comunidades de fala. Assim, observa-se que as variações, como produtos culturais, se originam da relação existente entre sociedade e linguagem. Conforme afirma Labov (2008, p. 304):

[...] pelo fato de ser a língua uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da língua são apenas as consequências [...].

A Sociolinguística emerge e se desenvolve como uma ciência que engloba objetivos múltiplos. Nesse sentido, a variação linguística, bem como sua mutação na sociedade são seus principais objetos de estudo, por isso, sua proposta busca demonstrar a covariação sistemática da relação social com a língua. A identidade social presente na linguagem do emissor/falante tem característica da função dos estilos formais e informais existentes na língua. Os conceitos e pressupostos dos objetos de análise deste estudo sociolinguístico se empenham no processo de língua falada na comunidade linguística diante da interação verbal.

Assim, numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como, por exemplo, a norma característica de comunidade rurais tradicionais, aquela de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma(s) característica(s) de populações das periferias urbanas, a norma informal da classe média urbana e assim por diante (FARACO, 2012, p. 36).

As variações linguísticas são ramificações naturais da língua que contrapõem e divergem da norma padrão em razão de fatores convencionais, históricos, sociais e regionais em que o falante está inserido. Segundo Bagno (2007), as variações são partes do objeto de estudo da Sociolinguística, assim, elas apresentam cinco classificações: diatópica; diastrática; diamésica; diafásica e diacrônica.

A variação diatópica, aquela que verifica as falas de cada pessoa de lugares distintos, está relacionada ao espaço geográfico ocupado pelo indivíduo. Ela é marcada pelo sotaque, o qual apresenta vocábulos com ocorrências linguísticas específicas e fonemas de formas particulares, como o modo dos goianos pronunciarem o “r” e os cariocas pronunciarem o “s”, revelando, portanto, a identidade linguística dos falantes.

A variação diastrática não depende exclusivamente da região em que o falante vive, mas sim dos grupos sociais que ele faz parte, ou seja, das pessoas as quais ele se relaciona no seu convívio. Essa variação é perceptível entre comunidades de fala

e dos interesses comuns diante dos níveis de escolaridade, esporte, gênero, idade, sexualidade, dentre outros fatores.

Por sua vez, a variação diamésica compreende a verificação da comparação entre a língua falada e a língua escrita. Além disso, em sua análise, torna-se “fundamental o conceito de gênero textual” (BAGNO, 2007, p. 46).

Quanto à variação diafásica, ela surge da adequação que o falante faz da sua linguagem ao estilo exigido pela situação de comunicação, desenvolvendo a competência comunicativa devido à compreensão dos níveis e funções do emprego da linguagem no processo comunicativo e monitoramento do comportamento verbal. Nesse contexto, Faraco (2008, p. 41) postula que:

[...] um mesmo falante [...] domina mais de uma norma (já que a comunidade sociolinguística a que pertence tem várias normas) e mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa.

Por fim, a variação diacrônica está ligada às manifestações linguísticas que sofreram alterações ao longo do tempo, por isso, ela compreende as diferentes fases da história de uma língua. No que se refere à variação diacrônica, Calvet (2002, p. 89) afirma o seguinte:

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território.

É fato que, mesmo com os avanços dos estudos linguísticos, em especial o da Sociolinguística, o preconceito diante das variações linguísticas persiste na noção errônea de “certo” e “errado”, evidenciando que as manifestações são desvios da norma padrão da língua

O preconceito que permeia diante da forma de manifestação da linguagem dos indivíduos geralmente está associado a uma espécie de desvalorização dos aspectos sociais que estão ligados tanto aos fatores econômicos quanto aos níveis de escolaridade. Ao abordar sobre o preconceito linguístico, a chamada norma padrão, uma das muitas variedades da língua, prevalece como dominante perante as demais,

ela é usada como ferramenta para institucionalizar o preconceito e a violência simbólica.

O preconceito se institui ao aderir a falsa noção de que a língua é única, estática e não está sujeita a mudanças, ou seja, aquela descrita e estudada nas gramáticas tradicionais e difundida nos dicionários, onde a perspectiva do ensino de língua é dissociado do contexto social e das situações reais de uso. Toda manifestação linguística que se difere da gramática normativa é considerada sem prestígio, estigmatizada. Assim, vale ressaltar que os estudos sociolinguísticos, os fatores de análise da língua e extralinguísticos são indissociáveis, como Almeida (2015) aponta:

[...] e tendo em vista o teor essencialmente comunicativo da Sociolinguística interacional, ela tem como principal característica ratificar que a fala em interação está propícia a interpretações e mudanças, as quais variam segundo o comportamento linguístico de uma sociedade ou comunidade linguística, considerando sempre os contextos específicos dos falantes (ALMEIDA, 2015, p. 147).

Diante das variedades da língua, o preconceito linguístico consiste em acreditar que quem não segue a norma padrão está usando o “português errado”; esse pré-julgamento se apresenta no agir das variantes, sejam ligadas a classes sociais, sejam por motivos de regionalidades e sotaques. Esses dois últimos fatores, regionais e os sotaques dos falantes, são os dois grandes motivos de ataques e preconceitos que os indivíduos sofrem ao carregar na sua linguagem características específicas das suas regiões.

As comunidades de fala de cada região e estado que apresentam determinadas formas de manifestações linguísticas, muitas vezes, são identificadas como erros. Toda essa pressão ao regram a fala das pessoas e os julgamentos mediante às expressões da linguagem possui grandes consequências, dentre elas: desenvolvem nos falantes o medo de se comunicar em público e até mesmo de se expressar temendo o que o outro vai interpretar para julgar sua linguagem.

Todo esse preconceito, sobretudo na área das variações linguísticas, faz com que o falante se sinta excluído socialmente porque fala um dialeto distinto ou com sotaque próprio do seu convívio social, logo, a pessoa começa a acreditar que ela não conhece e não sabe falar sua própria língua. Nesse sentido, o preconceito se

apresenta no princípio da pronúncia comparada aos pressupostos da gramática normativa. Com isso, Bagno (2009, p. 28) defende a concepção da multiplicidade linguística no Brasil, alegando que ela [...] não pode mais ser vista como um problema [...] tem que ser vista como uma riqueza do nosso país, como um patrimônio do nosso povo."

Dessa forma, é preciso a conscientização acerca das variações presentes em nossa língua, pois ela é carregada de mutações e alterações linguísticas. Abordar estudos como esse faz-se necessário para melhor compreensão das manifestações linguísticas que desenvolvem toda a comunicação entre os falantes.

[...] no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2012, p. 9).

Pode-se inferir que o preconceito linguístico precisa ser discutido para que esse fator não seja mais dilema de separação entre os usuários da língua, até porque as pesquisas linguísticas têm avançado cada vez mais conforme os pressupostos da relação entre língua, linguagem e sociedade.

## **2. Regionalismo: o dialeto caipira**

Na língua portuguesa, quando analisada, é possível notar uma enorme riqueza de variedade linguística. Essa ideia se consolida ainda mais quando se entende que o povo brasileiro é um povo diverso em cultura e, conseqüentemente, isso se reflete também na linguagem.

Com o passar do tempo os estudos acerca deste mecanismo – a linguagem, vem se dedicando em apresentar a pluralidade da língua baseada no dia a dia de determinada população; seus dialetos, gírias, expressões, etc. Levando em consideração a ideia de se pensar a língua como algo amplo e apto a mudanças e variações, possibilitando aos falantes a compreensão de que é um fenômeno que deve ser respeitado e valorizado em sua singularidade.

A fim de compreender ainda mais a questão levantada, Martelotta (2008)

apresenta a Sociolinguística como uma justificativa para essa situação. Afinal, ela se dedica em estudar a língua no seu uso real e do determinado local que se faz presente, entendendo o contexto e as variantes sociais que a envolvem, como a que se está tratando neste estudo: o dialeto caipira.

Para analisar o dialeto caipira e o regionalismo faz-se necessário entender o exposto acima. Afinal, o regionalismo é

[...] uma fase do romance brasileiro que, na busca por conhecer e exaltar o Brasil, contemplou um conjunto de costumes, expressões linguísticas e outros valores que enfatizaram a realidade nacional, evocando, sobretudo, a variação entre uma região e outra [...] (SOUSA, 2005, p. 67).

Diante disso, o dialeto caipira é pertencente a essa visão regionalista, pois ela apresenta uma parte da população brasileira que é vasta em riqueza cultural e linguística, onde seus falantes utilizam expressões que dialogam diretamente com o modo como vivenciam seu cotidiano, se alimentam, vestem, etc. Não deixando assim de falar o português, sua língua materna, mas incluir em sua fala pequenos vestígios de seu povo e espaço territorial.

No entanto, apesar de todo acervo rico em cultura, o povo caipira, como aponta Pimentel (1997), é visto como um interiorano acanhado e sem preparo para a vida na sociedade, afinal, não residem em cidades, e sim no campo, tornando assim, sua fala desprestigiada e até mesmo vítima de preconceitos linguísticos.

O habitante do Sul e do Oeste de Minas, pelo contrário, despertaram-lhe, por sua vida rústica e pouca educação, o mesmo desagrado que o paulista. É que eram populações disseminadas, vivendo, os pobres, da agricultura de subsistência; os remediados da pecuária atrasada – sem núcleos urbanos, conforto nem polidez (CANDIDO, 1964, p. 44).

Nas músicas, teatros e até mesmo nas novelas, como aqui em análise, é possível notar como os demais participantes (povos de outras regiões) tendem a ter uma determinada dificuldade em aceitar o modo de fala do povo caipira. Automaticamente nasce na cena um afastamento ou pensamento de que aquele indivíduo não está apto para determinado diálogo, ou seja, não está dentro dos “padrões” que já estão arraigados no falar da população.

É possível verificar que até mesmo em outras aparições artísticas, o

personagem caipira é altamente estigmatizado em sua criação e ações nas cenas. Isso não é diferente na sua fala. Embora por um lado também seja, como aponta o regionalismo, uma maneira de exaltar as variáveis formas de manifestações da língua.

O que é preciso vencer é o triste apontamento realizado por Cândido (1998, p. 82) em relação ao desenvolvimento do caipira na sociedade: “A cultura caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social [...]”.

O espaço para os caipiras na novela *Pantanal* é muito mais do que emocionar o público através de uma trama, mas sim trazer a uma das maiores redes de televisão a discussão acerca do que há de plural no brasileiro. Vai além das divisões territoriais, pois compete também ao campo da fala que necessita ser exaltado e visto como ato simbólico, respeitável e de grande valia.

Diante dessa situação, torna-se importante a ação de refletir sobre essas singularidades da fala no Brasil, para que além de discussões, sejam novas formas de trazer para um povo a valorização que lhe é devida.

### **3. O dialeto caipira na novela *Pantanal*: uma análise da fala das personagens**

A novela *Pantanal*, transmitida pela Rede Globo, evidencia os falares de moradores da região Centro-Oeste do Brasil, os quais residem na zona rural, por isso, fazem o uso do dialeto caipira, o qual, segundo Bagno (2020), elucida características peculiares do português brasileiro, sendo responsável pela constituição da identidade dos falantes e digno de reconhecimento e valorização.

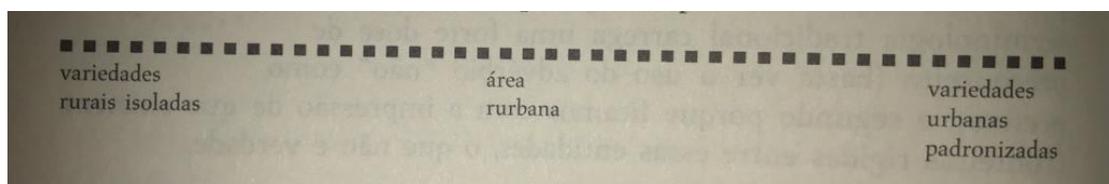
Devido ao sucesso do enredo, com mais de 90% de aprovação pelo público, a novela está sendo transmitida pela segunda vez, visto que a primeira temporada foi em 1990. Ela retrata as tradições e costumes do interior, bem como mostra as manifestações linguísticas dos falantes rurais. Com a repercussão de *Pantanal*, os falares das personagens se tornaram alvos de avaliação dos telespectadores, seja positiva, seja negativa. Infere-se, assim, que é importante refletir sobre os pressupostos da variação linguística, demonstrando que todas as variantes devem ser valorizadas, pois o país é composto por diferentes regiões que, conseqüentemente,

apresentam falares distintos.

É possível afirmar que há uma amplitude no que diz respeito aos processos linguísticos que compreendem o modo de falar caipira, uma vez que apresentam níveis fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais. Nesta parte da pesquisa, não se fez uma análise específica de cada processo, até porque o intuito é promover uma reflexão acerca do dialeto caipira na perspectiva da cultura regional. Em consonância com essa afirmação, entende-se que este modo de falar envolve a identidade do falante, bem como sua vivência cultural.

A fim de compreender o dialeto caipira no português brasileiro, está representado abaixo o esquema “o contínuo da urbanização” apontado por Bortoni-Ricardo (2004):

**Figura 1 - Esquema do contínuo da urbanização.**



**Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 52).**

Em um dos polos, “estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam a maior influência dos processos de padronização da língua [...] No espaço entre eles, fica a zona rurbana” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52). Os indivíduos rurbanos são aqueles que saíram da zona rural e mantiveram sua cultura regional, como, por exemplo, o repertório linguístico. No entanto, por estarem em regiões semi rurais, eles são influenciados pela área urbana.

Tendo como partida as variedades rurais isoladas e caminhando às variedades urbanas padronizadas, observa-se que os usos linguísticos característicos da zona rural e rurbana vão desaparecendo na medida em que o falante se aproxima das variedades urbanas padronizadas. Ao analisar esse contínuo de urbanização, pode-se dizer que cada falante do português brasileiro está situado em um determinado ponto. As personagens da novela Pantanal, por exemplo, são representantes das pessoas que vivem no polo rural do contínuo, uma vez que apresentam falares típicos

da área rural. Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2004, p. 53), esses falares “são os que recebem a maior carga de avaliação negativa nas comunidades urbanas”. Porém, muitas vezes, os próprios falantes urbanos fazem o uso dessas formas linguísticas no dia a dia.

O dialeto caipira, falado pelas personagens da novela em análise, pode ser classificado como diatópico, visto que a variação diatópica “é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de **lugares diferentes**, como as grandes regiões, [...] as zonas rural e urbana, [...] o adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar” (BAGNO, 2007, p. 46, grifos do autor).

Além da variação diatópica, a variação diastrática também é empregada na novela, pois ela se verifica na convivência entre as classes sociais, sendo característica de um determinado grupo de indivíduos que, nesta pesquisa, são pessoas menos escolarizadas e residentes da zona rural. Neste tipo de variação, investigam-se as diferenças fonológicas e morfossintáticas que correspondem às mudanças na pronúncia, na escrita, e na estrutura das frases. De acordo com Bagno (2007), a Sociolinguística compreende que as variações relacionadas ao contexto podem ser classificadas como estilísticas ou registros, em que os falantes utilizam diferentes formas linguísticas em consonância com as situações de interação social.

Diante dos estudos apresentados, a análise realizada no presente trabalho consiste em observar as mudanças fonéticas que acontecem nas palavras, ou seja, os metaplasmos. Segundo Bagno (2007, p. 8), o “metaplasmo é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta.” Ademais, o fenômeno linguístico rotacismo também será analisado nas falas, o qual é “uma tendência natural em transformar em /r/ o /l/ dos encontros consonantais [...], pois o que antes era L em latim, em português se transformou em R” (BAGNO, 1997, p. 46).

***Figura 2 - Fala da Juma.***



*Fonte: Santos (2022).*

A frase apresentada nesta imagem foi utilizada pela personagem Juma ao ter a sensação de que seu filho estava crescendo em sua barriga. É possível observar que a palavra “filho” sofreu uma síncope, ou seja, metaplasmo de supressão, onde o fonema /lh/ foi eliminado do vocábulo. Ademais, a forma verbal “está” também sofreu alterações, mais especificamente, a aférese que corresponde aos fonemas eliminados no início das palavras. Destaca-se que esse último uso também é muito utilizado por falantes urbanos, como menciona Bagno (2020): ocorre em todas as regiões brasileiras, seja no campo, seja na cidade.

**Figura 3 - Conversa entre Juma e Joventino.**



*Fonte: Santos (2022).*

Nesta fala de Juma, durante um diálogo com Joventino, em que ele não aceita morar na tapera, observamos a utilização do “num” como advérbio de negação. Esse uso linguístico é feito tanto por falantes urbanos quanto por falantes rurais, por isso, a importância da valorização linguística. Além disso, identifica-se a presença dos seguintes metaplasmos: aférese nas palavras “você” e “está”, onde seus fonemas iniciais foram retirados e prótese no verbo “voar”, uma vez que teve o acréscimo de fonema no início do vocábulo. Ocorreu também o uso inadequado do pronome “se” e da partícula apassivadora “se” nas construções: “se avoar” e “pode-se ir”, respectivamente. Por fim, a palavra “voltar” sofreu o fenômeno rotacismo linguístico, pois o “l” foi transformado em “r”.

**Figura 4 - Diálogo entre Zefa e Maria Bruaca.**



**Fonte: Santos (2022).**

Na conversa acima, em que as personagens Zefa e Bruaca falam sobre a roda de viola que aconteceu na fazenda do personagem José Leôncio, nota-se alguns metaplasmos como: a aférese em “vocês”, uma vez que os fonemas iniciais foram eliminados e a epêntese no pronome “nós”, já que ocorreu acréscimo no meio da palavra. A utilização do verbo “cantar” também está inadequada, visto que, por se tratar da 3ª pessoa do futuro do subjuntivo (vocês), o adequado seria utilizar a forma verbal “cantarem”. Ademais, visualiza-se a falta de concordância em “nois vai”, pois, neste caso, o pronome “nós” exige a forma verbal “vamos”, mas, conforme destaca Bagno (2020), essa falta de concordância verbal não é exclusividade do dialeto

caipira.

Por fim, outro ponto que deve ser destacado é o uso do pronome indefinido “tudo” no final da frase, seguindo os pressupostos da norma padrão da língua, a construção adequada seria “todos nós vamos”. Apesar de ter sido utilizado por um falante da zona rural, ele é muito utilizado pelos falantes urbanos, até mesmo em músicas. Como estamos analisando a oralidade, esses usos inadequados não devem ser tachados como errados, afinal, eles representam a pluralidade linguística existente no país e precisam ser valorizados.

**Figura 5 - Conversa entre Maria Bruaca e Tibério.**



**Fonte: Santos (2022).**

Neste diálogo, onde a personagem Bruaca demonstra interesse pelo peão Tibério, identificamos a aférese no pronome “você” e síncope em “mesmo”, visto que enquanto um fonema foi retirado do início da palavra; o outro foi eliminado do meio. É necessário enfatizar que o pronome de tratamento “você” foi sofrendo transformações ao longo do tempo, logo, as variantes “ocê” e “cê” são utilizadas em estilos não monitorados, não se configurando como uso exclusivo do dialeto caipira, mas sim de diversas regiões do Brasil, principalmente nas falas espontâneas.

Diante dessa breve análise dos metaplasmos presentes no dialeto caipira dos pantaneiros, observa-se que o conhecimento acerca das modificações fonéticas são fundamentais para a compreensão do funcionamento da língua, ou seja, o entendimento de que os falantes utilizam a variante linguística que corresponde ao seu contexto social.

[...] se as variações dialetais fossem observadas no foco dos metaplasmos, seria possível entender o fenômeno das perdas e acréscimos de substância fônica, facilitando o entendimento de determinados fatos captáveis na língua oral e, muitas vezes, transportados para a escrita (SIMÕES, 2006, p. 17).

Percebe-se que Simões (2006) sugere uma reflexão sobre os usos linguísticos de determinados falantes, os quais geralmente são julgados por não dialogarem com a norma padrão da língua, entretanto, eles podem ser explicados por meio dos estudos linguísticos, principalmente sob a perspectiva da fonética e fonologia, conforme vimos nesta seção.

Vários exemplos do dialeto caipira contribuíram para a análise apresentada, mesmo não sendo possível destacar todas as variações encontradas nesses pequenos trechos das falas dos personagens pantaneiros. Porém, com a análise realizada, observou-se que os elementos fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais influenciam na estrutura linguística regional que é marcada pela cultura e modo de falar caipira.

Por meio dos dialetos empregados na novela Pantanal, representados pela cultura regional, essa pesquisa teve a intenção de demonstrar o quanto a língua portuguesa é rica e desmistificar a noção do “falar errado”, afinal, existem várias variantes linguísticas e todas devem ser respeitadas. Corroborando com essa afirmação, Bortoni-Ricardo (2004, p. 33) menciona que:

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social.

Apesar das variantes regionais serem alvos de desprestígio, cada região possui suas particularidades, sendo representadas pelos costumes, crenças e linguagem, fatores que evidenciam a riqueza do local e do falante, portanto, não podem ser considerados errados.

## **Conclusão**

Conclui-se que a análise da variação linguística presente nas falas das

personagens da novela Pantanal possibilitou a compreensão dos aspectos estilísticos do dialeto caipira que está ligado aos polos rurais/rurbanos do contínuo da urbanização, com algumas diferenças em relação à língua utilizada no polo urbano em estilos monitorados. No entanto, independente da sua ocupação no contínuo da urbanização ou do monitoramento que suas expressões linguísticas possam sofrer, todo falante possui capacidade de produzir sentenças bem elaboradas por meio das regras da língua que adquiriu no seu contexto social, as quais, seguindo a perspectiva regional, podem ser influenciadas pelos fatores culturais.

Nesse sentido, os estudos da língua precisam ir além dos pressupostos da gramática normativa, de modo que as diversidades linguística e cultural sejam respeitadas e ocorra a valorização dos indivíduos das diferentes regiões brasileiras, afinal, eles têm sua própria bagagem cultural e/ou linguística.

Outros pontos notórios no enredo da novela Pantanal são a riqueza cultural e a sabedoria presentes na zona rural. As vivências dos pantaneiros, como falantes caipiras, não visam apenas o entretenimento, mas também promovem reflexões sobre a vida de diversas pessoas que vivem nas regiões rurais, as quais fazem parte da formação cultural do território nacional por meio de práticas, valores e significados que ainda existem em várias partes do Brasil.

Com isso, o vocábulo “caipira” não pode ser desvalorizado, pois, sob a concepção dos estudos regionais, ele representa o modo de viver de muitos brasileiros. Diante disso, as personagens pantaneiras são manifestações personificadas da representação de uma cultura regional brasileira, ou seja, elas retratam as vivências singulares de uma região, mais especificamente, do Centro-Oeste.

Infere-se, portanto, que as manifestações linguísticas e culturais da novela evidenciam a identidade dos falantes e revelam que, por mais que eles tenham contato com pessoas da zona urbana, sua essência não muda, mas sim marca o contexto histórico e cultural da região em que vivem. Essas características podem justificar a alta aceitação do público com a trama que é alvo de inúmeros comentários diários, principalmente no que diz respeito aos usos linguísticos, que neste caso, são exemplos das variações diatópica e diastrática.

## Referências

ALMEIDA, S. A. **Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições Para Um Currículo Bilíngue e Intercultural Indígena Apinajé**, 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BAGNO, M. O dialeto caipira cem anos depois por Marcos Bagno. In: EDITORIAL, Parábola. **Blog da Parábola Editorial**. São Paulo, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/o-dialeto-caipira-cem-anos-depois>. Acesso em: 28 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. **Não é errado falar assim!** em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gramática histórica:** do latim ao português brasileiro. Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. **A língua de Eulália:** novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALVET, L. J. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1964.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PIMENTEL, S. V. **O chão é o limite: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão.** Goiânia: UFG, 1997.

SANTOS, S. "Querida ouvir ces cantar de novo." (Zefa) "AH, NOIS VAI TUDO." (Bruaca) **#Pantanal**. [S.l.], 12 jul. 2022. 22:07. Twitter: @ZAMENZA. Disponível em: <https://twitter.com/ZAMENZA/status/1547025004080123906>. Acesso em: 12 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. "E ocê tem parte com alguma coisa?" "Nao, só com minha noiva memo." **#Pantanal**. [S.l.], 12 jul. 2022. 22:06. Twitter: @ZAMENZA. Disponível em: <https://twitter.com/ZAMENZA/status/1547024584641335296>. Acesso em: 12 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. "Num quero ocê preso numa gaiola. Quero ocê livre como era. Se quiser voar pode-se ir...E aí se quiser voltar vou tá aqui." (Juma) **CHALANEIRO MAIS SÁBIO QUE O VEIO DO RIO. #Pantanal**. [S.l.], 08 jul. 2022. 21:55. Twitter: @ZAMENZA. Disponível em: <https://twitter.com/ZAMENZA/status/1545572333657759745>. Acesso em: 11 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. "O fio tá crescendo aqui." São gases, Juma. Nem deu tempo ainda. **#Pantanal**. [S.l.], 06 jul. 2022. 22:17. Twitter: @ZAMENZA. Disponível em: <https://twitter.com/ZAMENZA/status/1544853123252076545>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave.** São Paulo: Parábola, 2006.

SOUSA, W. **Moda inviolada: uma história da música caipira.** São Paulo: Quiron, 2005.